

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Instituto de Filosofia e Teologia D. João Resende Costa

Alcilene de Lima Silva

**“SUBIDA DO MONTE CARMELO”
UMA PROPOSTA DE ESPIRITUALIDADE PARA OS DIAS ATUAIS**

Belo Horizonte
2018

Alcilene de Lima Silva

**“SUBIDA DO MONTE CARMELO”
UMA PROPOSTA DE ESPIRITUALIDADE PARA OS DIAS ATUAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. André Erick A. Ferreira.

Belo Horizonte

2018

Alcilene de Lima Silva

**“SUBIDA DO MONTE CARMELO”
UMA PROPOSTA DE ESPEIRITUALIDADE PARA OS DIAS ATUAIS.**

Monografia apresentada ao Curso de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Prof. Dr. Pe. André Erick A. Ferreira (Orientador) – PUCMinas

Banca examinadora – PUCMinas

Belo Horizonte, ___ de novembro de 2018.

*A minha família biológica, as Irmãs Teresitas e a
todos os meus amigos/irmãos na fé.*

AGRADECIMENTOS

Rendo minha gratidão ao Sumo Bem, que me atraindo para o seu amor, fez-me desejar aprofundar os ensinamentos de São João da Cruz, trilhando o caminho do autoconhecimento pela noite escura da vontade, purificada na caridade.

A meu orientador, Prof. Dr. Pe. André Erick A. Ferreira, por sua generosa atenção e paciência em ler muitas vezes meus escritos, ajudando-me a tornar acessível e concreto o caminho da união com Deus a todos os homens e mulheres do nosso tempo.

A minha família biológica, por ser o meu primeiro testemunho de fé e amor, pois me ensinou o caminho do bem. Agradeço as minhas irmãs Alcineide de Lima Silva e Aldenize de Lima Silva Menezes que dedicaram tempo, carinho e atenção aos meus escritos fazendo a revisão ortográfica.

A minha família religiosa, Irmãs Carmelitas Evangelizadoras de Santa Teresinha – Irmãs Teresitas – que é fonte de Deus na minha vida, com ela conheci o caminho da união com Deus e fui introduzida na senda do Amor, através do amor fraterno compartilhado. Especialmente as nossas Madres: Fátima de Cristo Crucificado (Fundadora), Ir. Cidlene da Eucaristia (Madre Geral) e Ir. Sônia da Santíssima Trindade (Madre Mestra), as quais, sempre partilharam dos seus tesouros espirituais, despertando em mim a sede de Deus e por toda ajuda no decorrer dos meus estudos acadêmicos. Aqui agradeço a Ir. Daniela da Virgem de Fátima por seu carinho e atenção em ler meus escritos e fazer a tradução para o espanhol e a minha atual comunidade em Belo Horizonte por sua paciência, compreensão e companhia ao longo desses anos de graduação.

Aos meus professores do Instituto de Filosofia e Teologia Dom. João Resende Costa – PUCMinas, pelos ensinamentos teóricos e incentivos ao desenvolvimento do pensamento teológico.

Aos meus colegas pela convivência e partilhas, que ao longo dos quatro anos de graduação somaram riquezas intelectuais e cristãs em minha vida.

Ao carmelita Frei Washington da Santa Face por suas partilhas, contribuições e disposição a sempre esclarecer minhas dúvidas. Por ele, agradeço a todos os Freis Carmelitas do Convento São João da Cruz, em Belo Horizonte, pelo carinho e atenção com o qual abriram as portas de sua biblioteca para que eu pudesse realizar minhas pesquisas.

Em uma noite escura,
De amor em vivas ânsias inflamadas,
Oh! Ditosa ventura!
Saí sem ser notada.
Já minha casa estando sossegada.

Na escuridão, segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh! Ditosa ventura!
Na escuridão, velada,
Já minha casa estando sossegada.

Oh! Noite que me guiaste,
Oh! Noite mais amável que a alvorada;
Oh noite que juntaste
Amado com amada,
Amada já no Amado transformada! [...]

(SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 135).

RESUMO

A presente pesquisa bibliográfica do terceiro livro da obra “Subida do Monte Carmelo” tem por objetivo apresentar e indicar um caminho de união com Deus como proposta de uma espiritualidade para os dias atuais, através da “Noite Escura” do espírito, que purifica a vontade humana pela via da caridade. Itinerário vivido de forma espiritual e existencial por São João da Cruz no cárcere de Toledo. O autor utiliza da terminologia metodológica do “Monte” para se referir ao lugar onde Deus se manifesta ao homem e da “subida” para designar ação e esforço concreto do ser humano na busca da união com Deus, através da ascese, renúncia, purificação e mortificação da vontade, assediada pela desordem das paixões. Essa experiência introduz o ser humano na dinâmica da liberdade como graça, da vivência da caridade como meio de restauração do equilíbrio das potências e da comunhão participativa das relações interpessoais, que integram e podem transformar a espiritualidade nos dias atuais.

PALAVRAS - CHAVES: Alma (Ser humano). Ascese. Caridade. Espiritualidade. Noite Escura.

RESUMEN

La presente investigación bibliográfica del tercer libro de la obra “Subida del Monte Carmelo” tiene por objetivo presentar e indicar un camino de unión con Dios como propuesta de una espiritualidad para los días de hoy, a través de la “Noche Oscura” del espíritu, que purifica la voluntad humana por medio de la caridad. Trayectoria vivida de modo espiritual existencial por San Juan de la Cruz en la cárcel de Toledo. El autor se utiliza de la terminología metodológica del “Monte” para referirse al sitio donde Dios se manifiesta al hombre, y, de la “subida”, para designar la acción y el esfuerzo del ser humano en la búsqueda de la unión con Dios, por medio de la ascese, renuncia, purificación y mortificación de la voluntad, amenazada por el desorden de las pasiones. Esta experiencia introduce al ser humano en la dinámica de la libertad como gracia, de la vivencia de la caridad como medio de restauración del equilibrio de las potencias y de la comunión participativa de las relaciones interpersonales, que integran y pueden cambiar la espiritualidad en los días actuales.

PALABRAS – CHAVES: El alma (Ser humano). Ascese. Caridad. Espiritualidad. Noche Oscura.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1 Cor	Primeira Carta aos Coríntios
1 Jo	Primeira Epístola de São João
Dt	Livro do Deuteronômio
Gn	Livro dos Gênesis
GS	<i>Gaudium et Spes</i> - Constituição Pastoral
Jo	Evangelho segundo São João
Lc	Evangelho segundo São Lucas
Mt	Evangelho segundo São Mateus
Ez	Livro de Ezequiel

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ESPIRITUALIDADE EM CONTEXTO.....	10
2.1 São João da Cruz	11
2.2 Caminho Espiritual	14
3 A NOITE ESCURA COMO CAMINHO PARA UNIÃO COM DEUS.....	16
3.1 Purificação ativa da vontade.....	17
3.2 A função purificadora da caridade e os seus frutos.	20
4 UMA ESPIRITUALIDADE PARA OS TEMPOS ATUAIS.	22
4.1 Desprendimento e liberdade.....	24
4.2 Caridade: via de comunhão e participação.	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6 REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa bibliográfica tem por objetivo analisar o terceiro livro da obra “Subida do Monte Carmelo” do capítulo XVI ao XLV de São João da Cruz, onde aborda a compreensão da “Noite Escura” ativa do espírito através da purificação da vontade, pela via da caridade, e apresentá-la como um caminho de espiritualidade para os dias atuais.

No primeiro capítulo apresentamos uma espiritualidade em contexto: mostramos que São João da Cruz viveu inserido nos desafios de seu tempo e como as diversas realidades forjaram seu caráter e sua vida espiritual. Filho de uma sociedade espanhola do século XVI, considerado o século de ouro, no qual a vida eclesial seguia as diretrizes disciplinares e dogmáticas do Concílio de Trento (1563), em resposta à reforma de Lutero e ao misticismo da época; ocorreram guerras entre governos monárquicos em disputas pelo domínio das Américas recém descobertas; e o desenvolvimento da poesia, da prosa castelhana e da filosofia mística.

No segundo capítulo descrevemos a busca da união com Deus através da “Noite Escura do espírito”, expondo o caminho da purificação ativa da alma. O autor usa da metodologia do “Monte” como lugar no qual Deus se manifesta ao homem, completando com a imagem da “subida”, meio que poderá conduzir à união com Deus. A “Noite Escura” possui duas dimensões: ativa (esforço pessoal) e passiva (iniciativa de Deus); e duas vias: a via sensitiva (sentidos) e a via intelectual (espírito). A “Noite Escura do espírito” é fruto da experiência de desnudamento, renúncia das paixões e equilíbrio das potências.

No terceiro capítulo apresentamos uma releitura do caminho espiritual da “Subida do Monte Carmelo” como uma proposta de espiritualidade para os tempos atuais. Apresentando um breve panorama do século XXI, no que diz respeito à vida espiritual. Propomos que é possível viver uma espiritualidade de união com Deus sem alienação, frustração ou neurose, e que a união com Deus não é algo reservado a poucos privilegiados, mas acessível a todos.

Por fim, mostramos que a união com Deus é caminho espiritual de reconciliação do ser humano consigo mesmo, com o próximo e com a criação pela via do amor, como possibilidade de ressignificar a responsabilidade pessoal e social.

2 ESPIRITUALIDADE EM CONTEXTO.

A Espanha do século XVI foi governada por Carlos V, dos anos de 1530 a 1556. O cenário histórico foi marcado pela colaboração entre a coroa e a Igreja, pela descoberta geográfica das Américas e o estabelecimento de colônias prósperas, em produtos valiosos como grãos, legumes, lã e linho proporcionando a ascensão do mercado espanhol. No ano de 1556, Carlos V renuncia à coroa em favor de seu filho, Felipe II, que governou a Espanha até o ano de 1598. Nos primeiros anos de seu reinado, assinou o Tratado da *Paz de Cateau-Cambresis* (1559), o mais positivo da história espanhola, e que submeteu a França ao seu domínio; instaurou o período das inquisições na Igreja, empenhando-se na luta contra as ideias protestantes e heréticas; incorporou Portugal (1580) a sua coroa e no ano de 1588 empreendeu a guerra contra a Inglaterra, com o propósito de dominar o Oceano Atlântico, mas sofreu derrota e naufrágio. Posteriormente, o declínio do império foi gradativo nos reinados de Felipe III, Felipe IV e Carlos II (ADÁN, 1988, p. 7-20).

No campo cultural, a Espanha do século XVI viveu o seu século de ouro, provando grande desenvolvimento da poesia, da prosa castelhana e da filosofia mística, com as obras de pureza e elevação de Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz e do Frei João de los Angeles (LIMA, 1974, p. 23-34). O cenário religioso foi formado pelas medidas disciplinares e declarações dogmáticas do Concílio de Trento (1563), como resposta à reforma de Lutero e ao misticismo da época. Neste período surge o franciscano Francisco Ximénez de Cisneros, que buscou reformar a Igreja, a começar pelos conventos e universidades (DREHENER, 2006, p. 118).

Na Teologia destacou-se a Suma Teológica de Tomás de Aquino e, com isso, um tomismo humanista determinou o catolicismo espanhol da época. No âmbito espiritual, a mística e a *devotio moderna* delinearam aspectos da religiosidade espanhola (PEDROSA-PÁDUA, 2015, p. 33-40). Surgiram novas associações de padres e congregações, especialmente as franciscanas, os movimentos reformadores, os eremitérios, as casas de oração e de retiros, houve a reformulação dos métodos oracionais, além do movimento dos *alumbrados*, que tentavam transformar a vida espiritual em vaidade (NOGUEIRA, 1974, p. 43). Esse cenário despertou em São João da Cruz a necessidade de encontrar-se a si mesmo no encontro com Deus, consistindo numa busca concreta do amor e da cruz.

2.1 São João da Cruz

João de Yepes y Álvarez de origem espanhola, nascido no dia 24 de junho de 1542, na cidade de *Fontiveros*, localizada a nove léguas de *Medina del Campo*, e terceiro filho do casal Catarina Álvarez e Gonçalo de Yepes. Os pais eram de famílias socialmente diversificadas. Catarina, órfã de pais, conheceu logo cedo a pobreza, vivendo com uma viúva em *Fontiveros* e foi reconhecida por sua habilidade no tear. Gonçalo, também órfão de pais, foi criado por seus tios na nobreza dos palácios e assumiu a contabilidade por profissão. Ao contraírem a união matrimonial, Gonçalo é deserdado por seus tios e, com isso, o casal experimenta a pobreza do século.

Na Espanha do século XVI a virtude tem seu apreço, mas nem sempre é preferida ao ouro. As classes existem, a pirâmide social conhece barreiras inamovíveis, faixas esforçadamente defensivas da honra do nome da família. Aquilo que importa, muitas vezes, não são a veracidade do amor ou a irrepreensibilidade dos costumes, mas os castelos, os latifúndios, os brasões, a prata, o ouro (DI BERARDINO, 1992, p. 18).

Segundo Ruiz (1990, p. 26-28), João nasceu em um ano de praga, de péssimas colheitas, aumento dos preços dos alimentos e, dessa maneira, uma parte do povo morreu doente e com fome. Em meios às transformações e lutas do século, a miséria não causou em João revolta, ao contrário, o libertou das preocupações temporais.

Após a morte de Gonçalo, a fome leva o longo processo de mudanças da família em busca do melhor ambiente de trabalho e futuro profissional para Francisco e João. A primeira mudança se dá para a cidade de *Arévalo*, onde encontram trabalho, a segunda mudança foi para cidade de *Medina del Campo*, lugar de alta atividade comercial, mas que não esconde o rosto da pobreza. Ali a família se estabelece numa modesta habitação na *Calle San Tiago*, hoje *Calle de Santa Teresa*, onde existe uma lápide que indica: “aqui viveu, ainda criança, São João da Cruz”.

Aos nove anos de idade João foi admitido no Colégio da Doutrina, para ser instruído em quatro ofícios: carpinteiro, alfaiate, entalhador e pintor. Ao verificarem que João não tinha aptidões para tais ofícios, o enviaram, nas horas vagas, junto com outras crianças, ao Mosteiro da Madalena, para servirem como coroinhas e

cuidarem da Igreja. Aos 14 anos, concluído o período necessário no Colégio da Doutrina, começou a trabalhar como enfermeiro no Hospital dos leprosos.

A caridade para com os doentes, a paciência, a delicadeza, a alegria e a disponibilidade com que atendia aos enfermos e a oferta de seus humildes préstimos cativaram a simpatia geral. [...] a dedicação de João aos doentes é tal que lhe é concedida a licença de assistir às aulas de gramática no colégio da Companhia de Jesus [...]; lá estuda gramática e filosofia, entra em contato com professores afamados e em poucos anos saiu bom latinista e bom retórico (DI BERARDINO, 1992, p. 39).

Permanece no Hospital dos leprosos até a idade de 21 anos, rejeitando as possibilidades para entrar em qualquer outro instituto, oferecendo seu tempo e dedicação cristã à assistência aos pobres e doentes. João, seguro de sua vocação e chamado à vida religiosa, busca o ingresso no Carmelo de Maria, no dia 24 de fevereiro de 1563. Faz a vestição do hábito carmelitano na festa litúrgica de São Matias e recebe o nome de Frei João de São Matias, segundo o costume da Ordem.

Frei João durante o tempo do noviciado se distinguiu por sua compostura, sendo reconhecido como “o jovem da doutrina”. Buscou viver segundo fontes primitivas do eremismo carmelitano, fundado na solidão e na verdade, aspectos herdados dos primeiros padres do deserto.

Com tudo, a Ordem, com o passar dos tempos, havia realizado adaptações e modificações em sua forma: de eremita se tornou mendicante.

João Soreth (1405-1471), eleito geral da Ordem, fez aprovar, no Capítulo de Bruxelas de 1462, as novas Constituições, nas quais se recordavam as origens eremíticas da Ordem e davam severas disposições para que se prestigiasse novamente o retiro, o silêncio e a solidão, elementos necessários para assimilar e viver o carisma primitivo da Ordem. (DI BERARDINO, 1992, p. 46).

O Capítulo de Veneza, em 1524, prescreve ordens severas a não observância das regras, seja pelos superiores ou pelos súditos: resultaria em suspensão dos cargos, destituição de todo ofício, grau ou dignidade. Nesta realidade, Frei João de São Matias continua seu caminho buscando o silêncio e a solidão. Recebe a oferta da capelania do Hospital dos leprosos, para assumir após sua ordenação presbiteral, mas recusa, pois não desiste da ideia de fazer-se religioso e do desejo de ser pobre para ser livre. Na infância, a pobreza fora uma imposição social, mas agora ela era sua escolha de vida.

No ano de 1564, Frei João deixa *Medina del Campo* para continuar os estudos em *Salamanca* e logo seu caráter e personalidade são percebidos por todos os seus colegas e superiores, que o nomeiam mestre dos estudantes, cargo oferecido ao estudante mais destacado. Tem a tarefa de ministrar outras aulas ou ensinar a uma classe, defender as teses em debates acadêmicos abertos ao público e intervir na solução de possíveis objeções.

Primeira preocupação [...] para ele a ciência sem o coração não tem sentido. Tampouco tem sentido a técnica da razão que não conduz a Deus. A filosofia deve servir para reconduzir às fontes da espiritualidade da Ordem, para fazer o ambiente de pobreza absoluta, de solidão e de silêncio dos primeiros filhos do Carmelo, favorecendo a alma que, a partir da meditação da Palavra de Deus, se lança aos vértices mais elevados da contemplação. A Ordem nasceu para isso e a este ideal deve retornar se deseja ser fiel ao carisma da contemplação. (DI BERARDINO, 1992, p. 67).

No ano de 1567, aos 25 anos, Frei João de São Matias recebe a ordenação presbiteral. A data exata de sua ordenação não se encontra nos autos biográficos, permanece no silêncio da sua vida. Ele celebra solenemente sua primeira missa em *Medina del Campo*, no seu convento de origem. Contudo, o Carmelo ocidentalizado já não o satisfaz, sua alma deseja a intimidade com Deus ao qual não consegue resistir. Amadurece a ideia de bater à porta da *Cartuxa*, ordem semi-eremítica de clausura monástica e orientação contemplativa, para dar-se totalmente a Deus.

No verão de 1567, se encontra com Santa Teresa de Jesus. Na ocasião a Madre compartilha com ele o projeto da reforma carmelitana que realizava e que gostaria que se estendesse ao ramo masculino. Frei João, cativado em sua natureza pelo Carmelo primitivo, só lhe faz um pedido: que tudo seja rápido. Segundo Alvarez (2012, p. 63-71), Madre Teresa, após conhecer Frei João, oferece seu retrato espiritual, afirmando ser uma alma completa para iniciar o ramo dos Carmelitas Descalços, pois é amante de Deus, sábio, prudente, generoso e conhecedor do espírito carmelita. Contam eles, também, com a adesão do Frei Antonio Hérída.

No dia 28 de novembro de 1568 a casa do Carmelo Descalço masculino é canonicamente erigida na cidade de *Durelo*, com todas as licenças eclesiásticas.

Durante a missa, o padre frei Antônio de Hérída, o padre frei João de São Matias e o diácono frei José, de joelhos, diante do padre Alonso Gonzalez, provincial de Castela, renunciaram solenemente e de modo definitivo à Regra de santo Alberto, mitigada por Eugênio IV e prometem viver, daquele dia em diante, segundo a mesma Regra aprovada por Inocêncio IV, isto é, sem atenuações” (DI BERARDINO, 1992, p. 84).

Na nova comunidade os valores do deserto, o silêncio, a solidão e a pobreza, recebem o lugar de honra para o itinerário espiritual. O pão de cada dia é a meditação da Palavra e a oração; a vida de penitência e mortificações chega ao limite do exagero. O único elemento novo é o apostolado, a comunidade procura iluminar o povo que se encontrava na ignorância religiosa.

Após a fundação em *Durelo*, seguem outras fundações: *Mancera*, *Pastrana*, *Salamanca*. Entre os anos de 1572 e 1577 se inicia a fundação do Colégio de Ávila, onde São João da Cruz é mestre de noviços e serve como confessor e diretor espiritual das monjas do Carmelo Descalço. Com a ajuda da Madre Teresa se dirige às terras do sul para fundar novos conventos em: *Almodóvar del Campo*, *Beas de Segura*, *Baeza* e *Granada*. Apesar do êxito, ventos contrários à Reforma se faziam sentir.

Em dezembro de 1577 os Carmelitas Calçados, iniciam uma perseguição contra os Carmelitas Descalços, levam João da Cruz preso para Toledo. Depois de nove meses, São João da Cruz foge do cárcere e se abriga no convento feminino reformado, na mesma cidade. No ano de 1591 o capítulo geral da Ordem lhe destituiu de todos os seus cargos e o destinou ao confinamento em *La Peñuela*, de onde, tempos depois, viaja para *Ubeda*, onde morre à meia-noite do dia 13 de dezembro de 1591, aos quarenta e nove anos de idade (ADÁN, 1988, p. 8). Foi canonizado no ano de 1726 pelo Papa Bento XIII e no ano de 1926 o Papa Pio XI o declarou Doutor da Igreja.

2.2 Caminho Espiritual

Em 1570, com a fundação em *Mancera*, João da Cruz inicia seu itinerário espiritual. Sua missão é facilitar o caminho para alcançar a comunhão com Deus. Em seu itinerário distinguem-se aspectos fundamentais: é o mestre e doutor de uma doutrina mística, caracterizada pela precisão intelectual e profundidade teológica.

A mística cristã de que São João é doutor não consiste por essência nos fenômenos invulgares dos estigmas e da levitação, ainda que em alguns casos se acompanhem desses fenômenos. Sua essência consiste na união íntima, incomum da alma humana com o próprio Deus, que na linguagem própria se chama matrimônio espiritual e união transformante (NOGUEIRA, 1974, p. 54).

O matrimônio espiritual ou união transformante é o estado místico da íntima união da alma com Deus e cuja perfeição somente no céu será superada com a visão beatífica. São duas naturezas em um só espírito e amor, afastando qualquer interpretação panteísta. Para Ruiz (1990, p. 89), a união transformante em São João da Cruz liga dois pólos: o místico e o teológico. No pólo místico, observa-se a contemplação, interioridade e a linguagem dos símbolos. No pólo teológico encontramos a capacidade de reflexão, as estruturas mentais e editoriais.

Para São João da Cruz, o homem místico não se autorealiza, mas é realizado pelo conhecimento de si ao se deixar ser conhecido por outro. Na compreensão de Rollán (1988, p. 61-70), esta experiência se dá na consciência humana, pela dinâmica do esvaziamento de si. “Executado esse trabalho, entrega-se a alma ao Amado numa união de simplicidade e pureza, amor e semelhança” (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 186).

Os escritos e poesias de São João da Cruz nasceram, em grande parte, no sofrimento e na marginalização do cárcere de Toledo, e retratam a sua experiência pessoal de peregrino em busca do seu Amado, e “um coração ferido pela angústia de Deus que, atraído pela força do amor, corre ao encontro do eterno, atravessando com coragem as noites e os vazios humanos” (SCIADINI, 1998, p. 20).

No acervo das obras espirituais de São João da Cruz encontramos: *a Subida do Monte Carmelo, Noite Escura, Cautelas, Cântico Espiritual, Chama Viva de Amor e os Ditos*. Além destas, foram atribuídas também a ele: o *Tratado dos Espinhos ou Colóquio entre Cristo e a Esposa*, composto entre 1578 a 1584; *Tratado breve do conhecimento obscuro afirmativo e negativo e modo de unir-se a alma com Deus por amor* e outros escritos menores como: *Instruções e cautelas para um verdadeiro religioso, Avisos de um religioso, Avisos e sentenças espirituais, Cartas e Poesias*. Nogueira afirma que outras obras do Autor foram perdidas: *Busca-me a mim, Regras para distinguir os verdadeiros dos falsos milagres, Propriedades do pássaro solitário e o Discurso sobre Contemplação*, neste discurso ele expunha as doutrinas místicas de Dionísio e São Gregório (1974, p. 46).

Os ambientes que São João da Cruz percorreu, fundando novos Carmelos Descalços, moldaram seu caminho espiritual por meio da sistematização da sua relação para com Deus. As obras de São João da Cruz foram publicadas e reconhecidas pela Igreja no ano de 1618, após 27 anos de sua morte.

3 A NOITE ESCURA COMO CAMINHO PARA UNIÃO COM DEUS.

São João da Cruz apresenta em sua obra “Subida do Monte Carmelo” a busca da união com Deus através da “Noite Escura”, expondo o caminho da purificação ativa da alma. É uma obra composta por três livros: o primeiro relata a noite escura dos sentidos iluminada por uma vida de fé; o segundo apresenta a noite escura do espírito através da purificação ativa do entendimento pela via da fé; o terceiro livro, na primeira parte, expõe a noite escura do espírito pela purificação ativa da memória através da esperança, e na segunda parte narra a noite escura do espírito pela purificação ativa da vontade por meio da caridade, renunciando às afeições desordenadas.

Sua metodologia está fundada na tradição de Santo Elias, valorizando o “Monte” como o lugar onde Deus se revela ao homem. Esse simbolismo é completado com a imagem da “subida”, a qual a pessoa é convidada por Deus ao encontro de união depois de viver a “Noite Escura” da aparente ausência do Amado. A “Noite Escura” é estruturada sob duas formas, ativa e passiva. Segundo Nogueira, os termos se referem a processos no qual a purificação ativa é caracterizada pela iniciativa e o esforço pessoal da alma, enquanto que a purificação passiva se realiza pela iniciativa de Deus, esperando da alma somente o consentimento (1974, p. 49). Possui duas dimensões, a do sentido enquanto se exerce pela via sensitiva e a do espírito por meio das potências da via intelectual.

Salvador, explica que a terminologia “alma” usada por São João da Cruz tem valor representativo de todo homem, acentuando a interioridade e os valores espirituais (2007, p. 293). Pode-se compreender que o caminho espiritual de São João da Cruz não cria o homem, mas já o encontra feito, com isso, a alma é transformada por Deus que a vai tornando transparente e iluminada desde suas raízes.

Como apresentamos na introdução, esta pesquisa se concentra na segunda parte do terceiro livro, do capítulo XVI ao XLV, onde fala da “Noite Escura” ativa do espírito através da purificação da vontade, por meio da virtude da caridade. Nesta parte, a “Noite Escura” da “Subida do Monte Carmelo” é fruto de uma experiência do desnudamento, renúncia das paixões e equilíbrio das potências. O fio condutor é a certeza da existência de um Deus misericordioso que predispõe a alma para alcançar o encontro decisivo.

Para chegar à união com Deus, São João da Cruz apresenta o caminho da purificação da vontade, dos seus afetos e apetites, conformando a vontade da alma em vontade divina. A vontade humana é a principal responsável pela harmonia que deve reinar entre Deus e a alma, mas é pela liberdade que exerce a sua função de decidir e executar a adesão ao Plano Divino (GRIMANI, 1991, p. 40).

3.1 Purificação ativa da vontade.

No caminho espiritual de São João da Cruz está presente a dialética da ascese, renúncia, purificação e mortificação, método que exige um movimento oposto às inclinações naturais. O ser humano inicia uma busca por maturidade e perfeição, que envolve suas potências, tendências e atos em uma escolha pelo caminho do bem e a renúncia do mal em si mesmo. Para alcançar essa meta o autor propõe a purificação da vontade que está assediada pela desordem das paixões. Pois, “as paixões, quando desordenadas, produzem na alma todos os vícios e imperfeições, e, quando ordenadas e bem dirigidas, geram todas as virtudes” (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 358-359).

São João da Cruz aconselha que neste processo,

a alma deve procurar inclinar-se não ao mais fácil, senão ao mais difícil. Não ao mais saboroso, senão ao mais insípido. Não ao mais agradável, senão ao mais desagradável. Não ao descanso, senão ao trabalho. Não ao consolo, mas à desolação [...]. Não ao mais alto e precioso, senão ao mais baixo e desprezível. Não a querer algo, e sim, a nada querer. Não a andar buscando o melhor das coisas temporais, mas o pior; enfim, desejando entrar por amor de Cristo na total desnudez, vazio e pobreza de tudo quanto há no mundo (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 181).

Segundo Ruiz, a “Noite Escura” não é a vivência infeliz dos acontecimentos e sim, a graça de Deus, que agindo na alma convoca-a a uma firmeza de decisão. (1990, p. 185). A “Escuridão” está na atitude da alma diante das suas dificuldades. O decisivo da “Noite” é interpretar os fatos à luz da fé, reagir com amor e remediá-los com a esperança em Deus, pois os sofrimentos são em grande parte comum a todos. Na “Noite escura do espírito” a alma experimenta o enfraquecimento do falso ego pelo vazio e desnudez do espírito, ou seja, extirpando os sentimentos de autossuficiência o homem compreende sua insignificância e vai rompendo com a falsidade e superficialidade de sua existência (TUOTI, 1997, p. 125-127).

O trabalho da vontade consiste em buscar a harmonia entre a vida natural e a espiritual, resultando na superação da supervalorização dos bens terrenos e das inclinações instintivas às paixões. O mesmo sucede ao espírito enquanto ainda estiver apegado a alguma afeição não poderá gozar da liberdade conforme a vontade deseja (GRIMANI, 1991, p. 40).

São João da Cruz fala de seis bens que favorecem uma felicidade relativa e que podem absorver o interesse do ser humano, frente aos quais deve caminhar com prudência, são: temporais, naturais, sensíveis, morais, sobrenaturais e espirituais. Os três primeiros tratam de tudo o que pode favorecer o desenvolvimento de uma vida natural satisfeita, os outros se ocupam de uma espiritualidade “ideal” que permanece ofuscada por atitudes narcísicas.

Bens temporais: riquezas, posições, ofícios e outras honras exteriores como casamentos, parentes, filhos [...]. Bens naturais: a beleza, a graça, a boa compleição, e todos os outros dotes corporais; também quanto à alma: o bom entendimento, a discrição, e todas as demais qualidades pertencentes à razão [...]. Bens sensíveis: tudo o que cai sob domínio do sentido da visão, audição, olfato, paladar, e que serve para formar os raciocínios interiores imaginários [...]. Bens morais: por eles entendemos as virtudes morais e os hábitos resultantes dos seus atos, o exercício das obras de misericórdia, a observação das leis divinas e humanas, tudo o que ordinariamente ocupa a atividade de um caráter inclinado à virtude [...]. Bens sobrenaturais: são as graças e dons concedidos pelo Senhor, superiores à habilidade e poder natural, chamados dons gratuitos [...]. Bens espirituais: todos aqueles cuja moção nos ajuda e dirige às coisas divinas, ou favorecem o trato da alma com Deus e as comunicações de Deus à alma (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 361-408).

A norma que regula o discernimento de valores e a medida de aproximação de uma vida equilibrada está no conformar o gozo da vontade à honra e glória de Deus, que é servi-lo segundo a perfeição evangélica, mantendo o equilíbrio e valorizando as coisas pelo que elas são e por aquilo que podem oferecer, permitindo o florescimento das virtudes.

O gozo, considerado como a primeira paixão da alma, estando desordenado, produz diversos tipos de vícios, danos ou imperfeições, fazendo-a viver de modo superficial a busca da união com Deus. Em São João da Cruz, segundo Herráiz, a negação dos apetites não é fazer um julgamento intelectual de valor sobre as coisas nem uma rejeição afetiva por parte da vontade; negar é aprofundar a vivência humana, buscando o sentido divino e criador da realidade (1988, p. 109). Tem um significado teológico muito mais que ascético, é parte da afirmação de Deus como raiz e horizonte da vida humana. É deixar-se envolver pela dinâmica da graça batismal, que implica a regeneração do “homem velho” em “homem novo”, como

fruto da vivência das virtudes teologais, que faz progredir a alma na harmonia existencial, eliminando oposições, contrastes, sombras e indecisões em face da Revelação dos valores do Reino de Deus e suas exigências.

São João da Cruz, ao apontar o caminho da negação, busca direcionar a vontade ao desapego e à liberdade, advertindo que os danos causados pelos vícios gerados do excesso de gozo definem uma vida sem fundamento, conteúdo ou lucidez. Considerando os bens temporais como: fraqueza da vontade, avareza, abandono e esquecimento de Deus e da sua Lei; nos bens naturais: sensualidade e luxúria, vanglória, presunção, soberba, desprezo do próximo e vaidade; nos bens sensíveis: cobiça, concupiscência, inveja, superficialidade, juízo temerário, instabilidade de pensamentos, dureza de coração e falta de caridade para com o próximo; nos bens morais: presunção, estima de si mesmo e desprezo dos outros, instabilidade no caminho da perfeição, tendência ao engano, incapacidade de receber um conselho sábio e seguir direção espiritual racional; nos bens sobrenaturais: enganar e ser enganado, sofrer detrimento na fé e se deixar levar pela vaidade; nos bens espirituais: servir-se das imagens de modo grosseiro e ignorante, como dar atenção mais a arte do que ao significado da vida santa que está por trás da devoção (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 345-417).

Na diversidade dos danos não está a origem da desordem, essa se encontra na fragilidade da vontade, que em sua liberdade, se deixou corromper pelos vícios. Contudo, São João da Cruz deixa claro que a alma não é chamada a viver de privações sem sentido, seu chamado é para viver de forma equilibrada os bens que recebeu por graça de Deus na caridade.

Dt 6,5 “Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças”. Encerram estas palavras tudo o que o espiritual deve fazer e tudo o que tenho a ensinar-lhe aqui, para chegar verdadeiramente a Deus, pela união da vontade, por meio da caridade. Esse mandamento impõe ao homem o dever de empregar todas as suas potências, forças, operações e afetos de sua alma no serviço do Senhor, de modo que toda a habilidade e força da alma sejam dirigidas a ele somente (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 358).

Na noite da purificação da vontade a negação se torna afirmação e proximidade com Deus. A alma incompleta procura sua completude pela purificação radical dos seus afetos, acelera sua busca para chegar à “Noite” da união divina, fazendo cessar o que é velho e se revestindo de novas graças sobrenaturais.

Sanchís mostra que no caminho espiritual da “Subida do Monte Carmelo”, a alma não deve desanimar diante das dificuldades do seguimento a Cristo (2009, p. 180). Tão pouco confiar somente nas próprias forças, mas acreditar na presença de Deus, que a todas se oferece.

3.2 A função purificadora da caridade e os seus frutos.

São João da Cruz ao resgatar a virtude da caridade como meio concreto da purificação da vontade, desenvolve um caminho espiritual centrado numa relação harmônica com Deus, com os bens e os irmãos. Partindo dessa fonte de inspiração, a teologia mística procura traduzir o amor de Deus numa fraternidade real propondo uma união que transforma as relações sociais.

Seria inútil termos purificado o entendimento fundando-o na fé e a memória firmando-a na esperança, se não procurássemos purificar também a vontade em relação à terceira virtude a caridade. Esta é a virtude que dá vida e valor às obras praticadas sob a luz da fé, sem a caridade de nada serviriam, pois como disse S. Tiago 2,20: “Sem as obras da caridade a fé é morta” (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 358).

A alma que afirma crer e é indiferente para com a miséria dos seus irmãos vive na ilusão das paixões, sua busca pela união com Deus não transforma a existência humana. O caminho espiritual é feito de riscos e responsabilidades, caso contrário, não é espiritual.

Respeitando o princípio da reciprocidade do amor para com Deus e com o próximo, São João da Cruz afirma que, “o quanto mais cresce a caridade para com o próximo, mais também se dilata o amor de Deus; reciprocamente, quanto maior é o amor de Deus mais aumenta o do próximo” (1998, p. 379-380). Na “Noite” da purificação ativa da vontade “quanto mais consentir a alma em obscurecer-se e aniquilar-se em relação a todas as coisas exteriores e interiores que pode receber, tanto mais fé lhe será infundida, e, conseqüentemente, mais caridade e esperança” (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 296-267). Possibilitando a vivência do primeiro fruto que a caridade concede a alma, a liberdade. Ocariz afirma que é próprio do amor a liberdade. Desse modo, a alma quando renuncia à escravidão da vontade vive a caridade como a do exemplo da vida de Cristo, no seu testemunho de responsabilidade e compromisso (2015, p. 71).

A alma que amadurece na caridade entra no processo de configuração com o amor de Cristo na cruz e, em consequência, vive um dos frutos das “Bem Aventuranças” (cf. Mt 5,3), a pobreza de espírito. Assim, a caridade purifica, transforma e eleva a vontade, defendendo o homem da sensualidade de um amor materialista. Por isso, tem a capacidade de despertar na alma muitos frutos dentre os quais: a humildade, a mansidão, a pureza de intenção, o juízo lúcido, a calma, a confiança pacífica em Deus, a submissão da vontade ao Senhor, a clarividência para penetrar bem na verdade, etc. Para São João da Cruz, “a única coisa na qual o homem pode comprazer-se é a de estar no caminho da vida eterna fazendo todas as suas obras em caridade” (1998, p. 401).

[...] a caridade dá valor às outras virtudes, fortalecendo-as e avigorando-as para proteger a alma; dá também graça e gentileza, para com elas agradar ao Amado, pois sem a caridade nenhuma virtude é agradável a Deus [...]. E, enfim, a caridade, de maneira semelhante, esvazia e aniquila as afeições e apetites da vontade em qualquer coisa que não seja Deus, e os põe só nele. Assim, também, esta virtude dispõe essa potência, e a une com Deus por amor (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 561).

Na purificação pela caridade, Cristo é o princípio do caminho, essa é a única certeza da alma quando decide percorrer o itinerário evangélico, porque ela é chamada a permanecer no amor que provém do Pai e de Jesus, assim como Jesus permaneceu no amor do Pai (cf. Jo, 15,9-10; 1Jo 3,24). Trata-se de um caminho espiritual fruto da fé e do despojamento do amor próprio. São João da Cruz afirma que, “quanto mais pura e perfeita está a alma na fé, mais caridade infusa de Deus possui; e quanto mais caridade tiver, mais elucidará o Espírito Divino concedendo-lhe seus dons; porque a caridade é a causa e meio para comunicação dos dons divinos” (1998, p. 314).

Através dos dons do Espírito Santo o amor que a alma experimenta é colocado em confronto com a vida concreta, porque quem é transformado pelo amor que provém de Deus compreende que o amor pelos irmãos não é algo opcional, mas obrigatório. É a renúncia de um amor egocêntrico e pelo qual a cobiça é transformada em caridade, vivendo com perfeição o conselho dado por Jesus Cristo no Evangelho de São Mateus: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo (cf. 16,24)”. Portanto, fazer algum caso de si mesmo não é negar-se nem seguir a Cristo.

A função purificadora da caridade é uma urgência para a vontade, pois é por meio dela que o intelecto e a memória são governados, bem como todas as paixões. Pela caridade a vontade restabelece o sentido e harmonia das obras realizadas pela fé e a esperança.

4 UMA ESPIRITUALIDADE PARA OS TEMPOS ATUAIS.

No início do século XXI o panorama da sociedade foi se modificando, coexiste um processo de secularização e, ao mesmo tempo, a sede pela transcendência aumenta gradualmente. O homem passou a buscar formas alternativas para viver a união com Deus através das técnicas orientais, das terapias espirituais e dos novos produtos religiosos que saciavam parcialmente essa sede e “induziam” à vivência interior. No entanto, nesse contexto surge o questionamento: a união com Deus é algo reservado para alguns poucos privilegiados ou todo ser humano tem a possibilidade de alcançá-la?

Buscar unir-se a Deus é viver o sentido pleno da própria existência. Porém, o que se percebe hoje em dia são homens e mulheres buscando o sentido da vida a partir da exterioridade para a interioridade, vivendo a lógica da compensação material e espiritual. Enquanto que São João da Cruz indica o percurso contrário: o encontro com Deus se realiza primeiramente na interioridade para depois vir a iluminar a exterioridade.

O desvio que o mundo contemporâneo fez pelo deserto da secularização ocasionou, segundo Lipovetsky, uma celeridade e precariedade das existências individuais, deificação do temporário e valorização dos interesses pessoais (1983, p. 35-46), resultando em uma era do consumo como tentativa de preenchimento do vazio interior. Mas o que dá sentido à existência humana é experimentar Deus em todas as coisas e para que seja possível não basta ter conhecimento sobre Deus, é preciso senti-lo com o coração.

O caminho espiritual da “Subida do Monte Carmelo” pode despertar no ser humano sua capacidade de sentir com o coração, através de uma espiritualidade centrada em Cristo como a “porta estreita” (cf. Mt 7,13-14), símbolo da conversão e purificação da vontade humana, que em conformidade com a Vontade Divina vai estabelecendo uma relação não apenas de recolhimento e solidão, mas de engajamento e de participação na vida da sociedade. É o caminho espiritual que

reconcilia o ser humano consigo mesmo, com o próximo e com a criação pela via do amor.

Não se trata de aumentar devocionismos ou de horas e lugares específicos para oração, e sim de encontro e relação, um processo contínuo de busca da unidade do amor que liberta o ser humano do egocentrismo.

Na atualidade a espiritualidade está como um fio tênue entre a lucidez de uma vida equilibrada e as diversas patologias psicológicas, algumas fruto do fundamentalismo exacerbado que fere a convivência fraterna. O período da noite escura que toda pessoa vive, através de sofrimentos, angústias, solidões, desamparos, autoconhecimento, fraquezas etc., é sempre uma oportunidade de transformar o que se tornou superficial na vida presente. A união com Deus ressignifica a responsabilidade pessoal e social oferecendo condições ao ser humano de ser mais humanizado, comprometendo-se com o meio em que vive e favorecendo-o com sua capacidade e disposição de amar e se doar pelo bem comum.

A disposição requerida para tal união não consiste em compreender, gostar, sentir ou imaginar a Deus, nem está em qualquer outra coisa, senão na pureza e no amor, isto é, na desnudez e resignação perfeita de todas as coisas unicamente por Deus [...]. A alma, nesta vida, não se une com Deus por meio do que entende, goza ou imagina, nem por coisa alguma que os sentidos ofereçam, mas unicamente pela fé quanto ao entendimento, pela esperança segundo a memória e pelo amor quanto à vontade (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 200).

São João da Cruz deixa claro que a união com Deus nasce da harmonia das três virtudes teologais ativas na alma, uma vez que realizam o vazio necessário dos diversos apegos, prazeres e distrações para alcançar a quietude e centralidade desejada, e contrapondo, assim, o barulho e a fugacidade dos prazeres que predominam nos dias atuais. A fé, quanto ao entendimento, obscurece as luzes naturais da razão permitindo o retorno ao mistério da presença de Cristo, a esperança, segundo a memória, produz o vazio de toda posse das coisas da terra e do céu, tendo por objeto o que ainda não se possui em plenitude e a caridade, operando na vontade, realiza o despojamento dos afetos e gozos em tudo que não é e nem vem de Deus.

Esse itinerário das três virtudes teologais faz um movimento contrário à época atual do “vale tudo”, a qual a pessoa é submergida na correnteza dos contra valores e dos pecados capitais como práticas normais da vida humana. Para essa época, o

vazio da noite escura restaura na pessoa o seu verdadeiro eu, mais humanizado e responsável com a harmonia da criação, já o vazio desse século torna a pessoa destituída da sua essência, isolada do convívio harmonioso e curador, ocasionando a perda do sentido da própria existência.

Segundo Duque, “o ser humano que corresponde a essa era ou é um homem desesperado perante tal falta de orientação ou é um homem que se habituou a viver no vazio [...] conformado com a leveza da situação que nunca estende raízes” (2016, p. 127).

Nos tempos atuais, a perda de valores ocorre automaticamente em detrimento da própria identidade. Homens e mulheres não sabem mais responder às perguntas básicas para sua existência: quem sou, porque vivo e para que vivo? Não se reconhecendo nesse mundo de múltiplos referenciais abraçam o que encontram por perto, na esperança de ser um porto seguro ou uma tábua de salvação.

Diante dessa realidade, a busca pela alteridade é um caminho para reconstruir a amizade com Deus, com o próximo e com toda a criação. Essa busca se realiza numa base criativa de ressignificação da individualidade e da coletividade, e ao mesmo tempo, é o lugar onde duas pessoas não se separam por causa das diferenças, mas aproximam-se por sentirem-se diferentes, vivendo em uma mesma realidade (RIBEIRO, 2007, p. 138). O ser humano que redescobre sua alteridade vive o desabrochar de uma nova criatura a ser contemplada.

Porém, é a nossa percepção, transformada em contemplação, que nos transporta da imanência para a transcendência, que é a aceitação amorosa da interdependência de todas as coisas, quando tudo é ressignificado. A união com Deus possibilita ao ser humano retornar ao caminho consciente da sua liberdade.

4.1 Desprendimento e liberdade.

No itinerário da união com Deus manifesta-se ao ser humano o chamado a cruzar o deserto do desprendimento para conhecer sua própria limitação antes de penetrar na união definitiva. Enquanto buscador do transcendente e da transcendência, o sujeito perpassa pela dinâmica do desapego das imagens que se habituou a fazer de si mesmo, em principal a imagem é a do ego.

Todo processo de crescimento interior implica superar os limites do ego, e, uma vez livre, será possível mergulhar no autêntico centro de si mesmo. Nesse itinerário se alternam momentos de iluminação explícita e momentos de escuridão, por meio do qual Deus vai amadurecendo e conduzindo o ser humano ao autoconhecimento, para aprender a fazer uso da sua liberdade e despertar o verdadeiro eu interior. “Se o eu interior desperta, ele comunica uma vida nova para a inteligência que habita, de forma a tornar-se consciência viva de si próprio. E essa consciência não é algo que possuímos, mas algo que somos” (MERTON, Thomas. “The Inner Experience”, capítulo I. cit. in. TUOTI, 1997, p. 178).

Essa nova consciência contrapõe as concepções da sociedade hedonista, na qual, a liberdade, ao mesmo tempo em que é possibilidade de graça é também de autodestruição. O ser humano na sua contingência encontra-se dividido em si mesmo, vivendo uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e a escuridão (GS 13). Com isso, a liberdade destrutiva é assumida através do orgulho, da avareza, da luxúria, da gula, da inveja e da negligência, enquanto que a vivência da liberdade como graça é a prática das virtudes que fortalece a harmonia e a paz das relações interpessoais, por isso, a harmonia interior está sempre por se elaborar.

Através do despego das coisas criadas, o ser humano, na liberdade como graça, vai educando sua interioridade, aprendendo a tirar de dentro ou fazer emergir aspectos criativos, intuitivos e espontâneos, criando condições para que a sua união com Deus frutifique. Segundo Catalán, o ser humano pode colaborar ativamente com esse processo, se libertando das interferências do ego, através do cultivo da semente do sopro divino, esperando que esta frutifique até gerar conceitos, métodos, estilos, projetos, valores ou novas relações (2008, p. 125).

O ser humano é situado dentro da totalidade criada que se chama universo. Deus ao criar o homem o fez a sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26), o que significa afirmar que o ser humano é inteligente e capaz de decisões livres para aceitar livremente seu último fim, Deus, ou de negá-lo. Mas a possibilidade de escolher o mal não define a liberdade nem parte da liberdade, da mesma maneira que algum erro cometido nem sempre é de conhecimento pleno. Para que se torne conhecimento o ser humano precisa ter consciência de si. O que se pressupõe nos dias atuais é que existe uma superficial reflexão a respeito dos próprios atos, vive-se no impulso do momento.

Portanto, optar pelo mal é uma possibilidade de pecado, conseqüência da limitação do ser humano que faz mau uso de sua liberdade, considerando que toda pessoa foi criada para viver em harmonia com Deus e com os semelhantes, assumindo sua liberdade para amar (OCÁRIZ, 2015, p. 71).

O caminho é singular para cada pessoa, o importante é perceber o que é essencial para viver com prudência e alegria o seu próprio destino, à luz do mistério pascal, compreendendo que Cristo é o princípio do caminho e modelo do homem novo chamado a viver a comunhão com Deus.

Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado [...]. Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. [...] Ele é o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Como a natureza humana foi n'Ele assumida, não aniquilada, por isso mesmo também foi em nós elevada a uma dignidade sublime. Com efeito, por Sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano [...]. N'Ele Deus nos reconciliou consigo e entre nós, arrancando-nos da servidão do diabo e do pecado (GS 22).

O ser humano tem grande valor devido a sua semelhança para com Deus e o fato de ter sido resgatado por um alto preço (cf. 1 Cor 6,20), o sangue de Cristo. Sua grandeza está na humildade de seu proceder. Quando perde a humildade o sujeito busca apropriar-se de Deus, reduzindo a grandeza Divina à limitação humana. Mas a própria inteligência será perdida se não contar com a força da misericórdia de Deus a fim de romper com as fronteiras da miséria humana. A união com Deus é a realização da Sua palavra: “Eu vos darei um coração novo e porei em vós um Espírito novo, tirarei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne” (cf. Ez 36,26).

Viver a vida nova como conseqüência da subida do monte demanda esforço e determinação, saída de si e relativização de todas as coisas em direção a Deus. São João da Cruz revela esse esforço com o seu poema: “Em uma noite escura, / De amor em vivas ânsias inflamada, / Oh! Ditosa ventura! / Saí sem ser notada [...]” (1998, p. 141). Essa saída significa desapego e despojamento de tudo o que não é Deus. No entanto, esse processo não propõe abandono e negação do mundo e do que faz parte dele, pois essa seria uma conclusão simplista demais da obra de São João da Cruz. Refere-se, sim, a um caminhar pela noite escura em busca de reorganização no que diz respeito à afetividade, às paixões e aos apetites desordenados, na busca pela união com o Transcendente.

Estas imperfeições habituais [apetites desordenados] são: falar muito, apegozinho a alguma coisa que jamais se acaba de querer vencer, seja a pessoa, vestido, livro [...]; tal espécie de alimento; algumas coisinhas de gostos, conversações [fococas], querendo saber e ouvir notícias, e outros pontos semelhantes. Qualquer dessas imperfeições, a que tenha a alma apego ou hábito, se opõe mais ao adiantamento na virtude do que grande número de faltas, mesmo veniais e diárias, não procedentes de hábito ou mau costume. Porque enquanto houver apego a alguma coisa, por mínima que seja, é escusado poder progredir a alma na perfeição. Pouco importa estar o pássaro amarrado por um fio grosso ou fino, desde que não se liberte, tão preso estará por um como por outro. Verdade é que quanto mais tênue for o fio, mais fácil será de se partir. Mas, por frágil que seja o pássaro estará sempre retido por ele enquanto não o quebrar para alçar vôo. Assim sucede à alma cativa por afeições a qualquer coisa: jamais chegará a liberdade da união divina, por mais virtudes que possua. (JOÃO DA CRUZ, 1998, p. 173).

Para São João da Cruz, as coisas que estão no mundo não são contrárias a Deus, no entanto, nossas más inclinações a elas podem ser empecilho para o encontro com Ele. O caminho da união a Deus não é o que aliena o sujeito, mas o que provoca a conscientização sobre todas as coisas que o desvirtuam e encarceram. Logo, esse caminho requer a negação dos bens da terra e do céu como fim, tendo-os como meio.

Sendo assim, o desprendimento de si mesmo vai restaurando no ser humano a luz e a qualidade do amor, que como ato primordial da vontade, é também o ponto de partida ao centro da própria existência. Trata-se de uma experiência de amor nascida de seu interior, um amor que por sua própria natureza se comunicará ao outro. Bem afirmou Boff que “a pessoa é o lugar e a manifestação encarnada do Deus do amor e do amor de Deus” (2012, p. 79).

Um desafio importante é mostrar que a união estabelecida com Deus é também compromisso com os outros, aprendendo a encontrar os demais com atitude adequada, valorizá-los e aceitá-los sem resistências. Aprender ver o que une os corações por uma vida fraterna mística, contemplativa, que sabe reconhecer a grandeza sagrada de cada pessoa e encontrar Deus no ser humano. Enfim, que saiba abrir o coração ao amor divino para promover felicidade aos outros (FRANCISCO, 2013, p. 61).

4.2 Caridade: via de comunhão e participação.

A caridade coloca o ser humano perante a admirável experiência do dom como força geradora e gratuita que unifica as relações sociais. Por vezes, a visão

meramente utilitária e produtiva da existência humana obscurece a gratuidade, induzindo o ser humano a identificar a felicidade e a salvação como formas imanentes de bem-estar material e espiritual. Porém o amor compreende a totalidade da existência, visa à eternidade.

O Papa Bento XVI afirmou em sua encíclica Deus é amor (2006, p. 13), que o amor é êxtase, não no sentido de um instante de inebriamento, mas como caminho do êxodo permanente do eu para a libertação, como reencontro consigo e descoberta de Deus. Nesse sentido, a comunhão na caridade concretiza-se quando se assume uma vida doada em favor do bem comum. “Quem procurar salvar a vida perdê-la-á, e quem a perder conservá-la-á” (cf. Lc 17,33). Cristo por sua vida apresentou o caminho que o conduziu e que hoje atrai cada homem e mulher, a fim de que, partindo do seu sacrifício pessoal de amor, alcancem a essência do amor e da existência humana.

O amor de Deus que beneficia a todos cria comunhão e participação, capacitando o ser humano a valorização consciente da beleza e significado da sua vida. É ele mesmo amado (cf. 1Jo 4,8), criado (cf. Gn 1,2) e redimido (cf. Jo 3,1-6) pelo amor de Deus, que o torna um ser capaz de ser fonte de onde correm rios de água viva (cf. Jo 7,37-38). E evidente que todo universo está ordenado para essa plena realização.

A união com Deus pela caridade como proposta de espiritualidade estimula uma vontade capaz de autodeterminar-se a fazer o bem em sintonia com os valores do Reino de Deus. Essa harmonia evangélica e existencial é o retrato concreto de quem se deixou amar por Deus e que vive o transbordamento do amor para com o próximo.

Para Congar a experiência da saída de si mesmo é a,

percepção da realidade de Deus vindo até nós, ativo em nós e por nós, atraindo-nos a si numa comunhão, numa amizade, isto é, num ser para o outro. Tudo isso, é claro, aquém da visão, sem abolir a distância na ordem do conhecimento do próprio Deus, mas superando-a no plano de uma presença de Deus em nós como fim amado de nossa vida: presença de Deus sensível através dos sinais nos efeitos de paz, alegria, certeza, consolação, iluminação e tudo aquilo que acompanha o amor (2005, p. 13-14).

A caridade abre a porta para qualquer pessoa que deseja fazer da sua vida espiritual uma vida de valores, semeados no chão da história, compreendendo que nada há de certo e definitivo, mas que a existência é um processo, um caminho a

ser revelado. No desenrolar do percurso o ser humano vai percebendo que a caridade não é sentimento, pode ser uma centelha inicial, todavia não é a totalidade do amor. Pois o ato globalizante do amor está no sim da vontade humana à vontade Divina que une intelecto, vontade e sentimento em um mesmo processo que permanece a caminho da maturidade (BENTO XVI, 2006, p. 24).

A vida na caridade como comunhão das relações e participação inclui também uma responsabilidade com a vida de salvação. O ser humano dispondo-se a amar, dá uma palavra de fé revelando a forma histórica e eterna de Deus se fazer próximo da humanidade e das necessidades do tempo. Nesse caso, todo ser humano é convidado a transformar sua vida espiritual num legado de doação em favor dos menos favorecidos.

Ser o fermento de Deus no meio da humanidade, que muitas vezes se sente perdida e necessitada de respostas que encorajem, dê esperança e novo vigor para o caminho. Uma vida de comunhão e participação ultrapassa fronteiras do vazio existencial, reaproxima as relações desgastadas pelo tempo, estreitando os abismos criados por tanta indiferença e superioridade.

Uma vida espiritual que procura esconder-se e livrar-se dos outros, é ilusão e mentira, nunca existiu um encontro com Deus e muito menos consigo, pois não transformou a finalidade da sua liberdade para o amor responsável, comprometido com os irmãos que encontra pelo caminho. Sem a caridade não é possível existir autêntica união com Deus. Somente a caridade permite ao ser humano viver a dinâmica da comunhão das relações e redescobrir o segredo da vida.

É preciso cultivar um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se [...]. Por isso, é urgente recuperar o espírito contemplativo, que nos permite redescobrir, a cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza e ajuda a levar uma vida nova. (FRANCISCO, 2013, p. 148 - 450).

Em tempos novos onde os meios de comunicação ao mesmo tempo em que aproximam as pessoas também às distanciam, destruindo os relacionamentos, faz-se necessário valorizar uma vida espiritual que resgate os vínculos das relações interpessoais. Não basta levar uma vida reta e perfeita, requer que se tenha abertura para se deixar amar e ser amado, visto que a responsabilidade do amor gera relações afetivas.

Se na vida humana faltar a união com Deus, o outro será visto apenas como outro, e se não houver atenção ao outro, a relação com Deus entra em deteriorização. Só a disponibilidade de servir ao próximo torna possível reconhecer o agir de Deus em favor da humanidade e o amor com o qual restaura as relações. Pois, o crescimento espiritual é luta constante por uma conquista de nós mesmos, para que nos reconheçamos em Deus e Deus em nossos semelhantes.

Quando se toma a decisão de “subir o monte” com a meta de tornar a união com Deus base fundamental da própria vida, é possível dizer que a prática da caridade alcançará a comunhão e participação desejada para a transformação do indivíduo e da sociedade. Portanto, é possível na dinâmica da noite escura da vontade, viver a união com Deus sem neurose, fanatismo ou devocionismo, porque a sua eficácia está na determinação da busca do nada para possuir o Tudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise do itinerário espiritual da obra “Subida do Monte Carmelo”, de São João da Cruz, conhecer sua vida inserida no contexto histórico, cultural e religioso do seu tempo e como foi possível buscar uma vida de união com Deus sem fugir da realidade de pobreza, de desprezo e de trabalho que o acompanharam desde a infância. Um homem cheio de sede do Absoluto e disposto ao esvaziamento de si para viver o matrimônio espiritual. Sua vida peregrina caracterizada pelo movimento do desejo de subir o monte, através da mortificação como processo de despojamento e redirecionamento dos apetites, de modo a não se apegar a nada.

Ao aprofundar o terceiro livro da obra “Subida do Monte Carmelo”, foi possível perceber um direcionamento do ser humano para o encontro consigo, com Deus e com o próximo, pela noite escura do espírito e purificação da vontade na caridade. Caminho que dialoga com os tempos atuais, onde o panorama espiritual e existencial revela ao mesmo tempo, um inchaço do ego, uma atrofia da sensibilidade humana imergida na lógica capitalista, e pessoas buscando dar sentido a sua existência através dos gestos de solidariedade, de compaixão, de liberdade e de caridade em favor do próximo.

São João da Cruz responde ao objetivo proposto por esta obra pesquisada – “Subida do Monte Carmelo” - retratando a possibilidade de cada pessoa poder viver uma vida espiritual mais centrada, equilibrada e lúcida. Uma vez que o ser humano busca Deus, mesmo sem saber, quando procura por sentido da própria existência. Entretanto, para se unir ao amor transformante o percurso é feito por noites escuras.

Nesse sentido, qualquer pessoa, que entra na noite escura da vida é provocada a desfazer-se das falsas imagens a respeito de Deus, de si e dos outros, para viver a busca constante do seu verdadeiro ser, respondendo às incongruências do seu tempo, iluminando o momento presente e o que ainda está por vir. Assim, o caminho da renúncia, do desprendimento e da purificação da vontade nunca será um aniquilamento ontológico do ser pessoal, mas o acesso ao ser verdadeiro que vai sendo descoberto.

Notou-se também, que a dificuldade de iniciar o caminho da união com Deus nos dias atuais, está no fato de que a degradação e desumanização que atingiu a humanidade agravaram a situação ontológica do ser humano, sucumbindo-o à fúria

ou a lei da natureza empobrecida pelos prazeres e gozos momentâneos de sua vontade.

Todavia, sem a pretensão de esgotar as reflexões, o mérito dessa pesquisa está no fato de ver na experiência da “Subida do Monte Carmelo”, a situação atual de todo homem e mulher, que vive em busca da transcendência, pelo sentido último de sua existência. Essa proposta de espiritualidade vai ensinando ao ser humano um novo jeito de ser, de amar e respeitar a si próprio, ao próximo e à criação, superando um amor assistencialista e de compensação para assumir o compromisso diante de Deus e em relação ao próximo.

Por esse motivo, a “Subida do Monte Carmelo” é uma proposta de espiritualidade, porque o que se objetiva é a edificação de um amor/amizade com o Transcendente e de novas relações interpessoais. Um itinerário espiritual possível, para que cada pessoa aprenda a descobrir o “monte” que deverá subir e aquilo que lhe cabe despojar.

6 REFERÊNCIAS

- ADÁN, José Cepeda. **La Castilla que vivo: San Juan de la Cruz**. In: Antropología de San Juan de la Cruz. Ávila: Centro Internacional O.C.D. de Estudios Teresianos – Sanjuanista, 1988, p. 7-20.
- ALVAREZ, Tomás. **Comentários das Fundações de Santa Teresa**. V Centenário do nascimento de Santa Teresa. Fátima, 2012, p. 63-71.
- BENTO XII. **Deus é Amor**. Carta encíclica. São Paulo: Loyola, 2006, p.9-26.
- BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.15-29.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. 2206.
- BÍBLIA Teb. rev. São Paulo: Loyola, 1995. 1566.
- CATALÁN, Josep Otón. **A experiência mística e suas expressões**. São Paulo: Loyola, 2008, p. 58-130.
- Congar, Yves. **Revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005, p.13-14.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DREGHER, Martin N. **A Crise e a renovação da Igreja no período da Reforma**. [Coleção História da Igreja]. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 118.
- DÍ BERADINO, Pedro Paulo. **São João da Cruz, doutor do “tudo ou nada”**. Tradução de Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresina, Cotia, SP. São Paulo: Paulus, 1992, p. 18. 39. 46-67. 84.
- DUQUE, João Manuel. **Para o diálogo com a pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 2016, p.123-156.
- FRANCISCO. **A Alegria do Evangelho**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013, p. 61.148-150.
- GRIMANI, Sandro. **O Cristo Místico de São João da Cruz**. São Paulo: Loyola, 1989.
- GRIMANI, Sandro. **O triângulo em São João da Cruz**. São Paulo: Edições Carmelitanas, 1991, p. 40.
- HERRAÍZ, Maximiliano. **El riesgo de ser constructores del propio destino**. In: Antropología de San Juan de la Cruz. Ávila: Centro Internacional O.C.D. de Estudios Teresianos – Sanjuanista, 1988, p. 109.

LIMA, José Lourenço. **São João da Cruz e seu século**. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Instituto de Filosofia e Letras. Semana de São João da Cruz. Recife: Universitária, 1974, p. 23-34.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. [tradução Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria]; Lisboa: Antropos, 1983, p. 35-46.

NOGUEIRA, Severino. **Magistério espiritual de São João da Cruz**. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Instituto de Filosofia e Letras. Semana de São João da Cruz. Recife: Universitária, 1974, p. 43-49.

OCÁRIZ, Fernando. **Amar com obras: a Dios y a los hombres**. Madrid: Ediciones Palabra, 2015.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Eu-tu-nós**: a dimensão espiritual da alteridade nos ciclos de contato. Rev. Abordagem gestalt. Goiânia, v.13, n.1, p. 135-146, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_artez&pid=S1809-6867200700100010&lng=iso. [Acesso em 24 de setembro de 2011].

ROLLÁN, M.^a del Sagrario. **El vaciamiento del yo: una aproximación a la introspección San Juanista**. In: Antropología de San Juan de la Cruz. Ávila: Centro Internacional O.C.D. de Estudios Teresianos – Sanjuanista, 1988, p. 61-70.

RUIZ, Federico, ocd (org). **Noche y Aurora**. In: Dios habla en la noche: vida palabra ambiente de San Juan de la Cruz. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1990, p. 26-28. 89-90. 157-169.

SANCHÍS, Dionisio Tomás. **Caminho espiritual**. In: Dicionário de San Juan de La Cruz. Burgos: Ediciones Monte Carmelo, 2009, p. 175-216.

SALVADOR, Federico Ruiz. **Introdução a São João da Cruz: o escritor, os escritos, o sistema**. São Paulo: Edições Carmelitanas, 2007, p. 283-285.

SCIADINI, Patrício (org). **São João da Cruz - obras completas**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TUOTI, Frank X. **Porque não ser místico? Um convite irresistível para experienciar a presença de Deus** [tradução Elizabeth L. F. Barbosa]. São Paulo: Paulus, 1997.

